

## ALFREDO ROQUE GAMEIRO (1864-1935)

### Biografia

Alfredo Roque Gameiro nasceu em 1864, em Minde, concelho de Porto de Mós, filho de Ana de Jesus e Manuel Roque Gameiro. Ainda mal saído da infância, apenas com 10 anos, foi trabalhar para Lisboa, sob a égide de Justino Guedes, seu meio-irmão, nascido do primeiro casamento do pai. Anos mais tarde, o pintor traduz, singelamente, a sensação experimentada quando chegou à capital, que se avolumava aos olhos da criança habituada à vivência do espaço rural: “*Não esquecerei jamais a impressão de sumptuosidade e de admiração que senti quando, ahi por Fevereiro de 1874, vindo da minha humilde aldeia, entrei em Lisboa. Não tinha visto até então mais do que casebres dos modestissimos lavradores a cuja família me honro de pertencer*”.<sup>1</sup>

O artista iniciou-se, profissionalmente, como aprendiz de litógrafo, na oficina Castro e Irmão, onde permaneceu algum tempo; posteriormente, ingressou na Companhia Nacional Editora, propriedade do irmão e que, já na época, era considerada uma empresa de reconhecido mérito.

São muito imprecisas as informações relativas à escolaridade do pintor e aos estudos efectuados neste período da sua vida, e mesmo em anos posteriores, sendo apenas conhecida a sua precoce apetência pelo desenho. Ainda em Minde, aprendeu as primeiras letras e adquiriu conhecimentos básicos de aritmética com o padre da aldeia. Este lamentava a pouca aplicação do aluno, a quem interessava mais entregar-se ao prazer de desenhar. Perante esta despreocupação infantil, o pároco observava que o desmotivado aluno “*só queria fazer bonecos*”.<sup>2</sup>

Um outro dado sobre o seu percurso escolar vem-nos de uma informação colhida num catálogo de Belas-Artes. Em 1882, realizara-se uma exposição comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, promovida pela comissão de estudantes de Lisboa.<sup>3</sup> Vários alunos de liceus e de colégios expuseram obras pintadas a aguarela. Roque Gameiro expôs *Marinha* e um *Desenho de figura, cópia do natural*, como aluno do *Collegio Academico Lisbonense*.<sup>4</sup> A maior parte dos trabalhos apresentados têm datas muito anteriores ao ano em que se realizou a exposição, o que nos leva a pressupor que se tratava, eventualmente,

<sup>1</sup> GAMEIRO, Alfredo Roque, *Lisboa Velha*, “Explicação”, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, MCMXXV.

<sup>2</sup> Notas evocativas da filha mais nova do pintor.

<sup>3</sup> *Catálogo de Exposição de Bellas-Artes*, promovida pela Comissão executiva dos estudantes de Lisboa, no centenário do Marquez de Pombal, em Maio de 1882, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882.

<sup>4</sup> *Idem*, pág. 29.

de antigos alunos; todavia, os exemplares da autoria de Roque Gameiro não estão datados, o que impossibilita a localização temporal da sua frequência nesse estabelecimento escolar. Por informação de Ribeiro Artur (1851-1910)<sup>5</sup>, sabemos que o jovem artista frequentara, igualmente, aulas nocturnas de desenho, na Escola de Belas-Artes, em inícios dos anos oitenta: “Quando, de 1881 a 1882, frequentava as aulas nocturnas de desenho na Escola de Belas-Artes, dirigidas pelo estatuário Simões d’Almeida, encontrei muitas vezes ali um rapaz que se dedicava assiduamente ao estudo, com dezoito annos apenas”.<sup>6</sup>

Na sequência da política de ensino instituída por António Augusto de Aguiar, que visava o desenvolvimento do ensino técnico, foram instituídas bolsas, a fim de que alguns estudantes mais dotados pudessem beneficiar de um ensino fora do país, em diferentes áreas tecnológicas. Roque Gameiro foi um daqueles que viu abrirem-se-lhe novas perspectivas de inovação no domínio da litografia, tendo sido designado para fazer um estágio em Leipzig, na Escola de Artes e Ofícios. O aperfeiçoamento conseguido durante o período em que usufruiu do ensino na referida escola alemã, revelou-se altamente proveitoso para o desenvolvimento da arte litográfica nacional. Desta conjuntura saiu também beneficiada a Companhia Nacional Editora que viu aumentar a qualidade da produção. O jovem pintor tornou-se, entretanto, director artístico desta empresa.

Pouco tempo após ter regressado a Portugal, Roque Gameiro conheceu Maria da Conceição Carvalho, com quem se casou, em 1888. Desse casamento nasceram cinco filhos – Raquel, Helena, Manuel, Rui e Maria Emília (Mamia). As duas filhas mais velhas herdaram o gosto paterno pela modalidade da aguarela, tendo-se notabilizado como excelentes desenhadoras e pintoras. Manuel seguiu idêntico percurso durante algum tempo, mas, mais tarde, optou por uma outra via profissional. Rui era um promissor escultor; no entanto, a sua existência foi muito breve e não teve oportunidade de produzir uma vasta obra. Mamia, dotada de grande talento, foi a única dos filhos do mestre aguarelista que se expressou plasticamente através da pintura a óleo, tendo, porém, abandonado essa actividade, quando casou.

O desempenho profissional de Roque Gameiro, ainda que gratificante, não podia preencher totalmente as aspirações do artista, que ansiava por se ver livre dos condicionamentos impostos pelas funções que desempenhava. A criatividade exigida por este trabalho revelava-se insuficiente e, sobretudo, limitativa; a sua inspiração criadora necessitava de poder expandir-se e seguir outros rumos. Ainda durante um certo espaço de

<sup>5</sup> Bartholomeu Sesinando Ribeiro Artur foi um oficial do exército português, crítico de arte e aguarelista.

<sup>6</sup> ARTHUR, Bartholomeu Sesinando Ribeiro, “Perfis”, texto de 1897, *Arte e artistas Contemporâneos*, 2ª. série, Lisboa, Livraria Fêrin, 1898, pp. 11-12.

tempo, o aguarelista conciliou o exercício da pintura a aguarela com a produção litográfica. Porém, a sua motivação determinante impulsionava-o para outras sendas e, abandonando a área litográfica, entregou-se, em definitivo, ao apelo da vocação artística que o levou por um longo caminho, numa carreira que durou até ao fim da sua vida. O artista expressou-se sempre através da técnica que escolhera como modo de veicular a sua arte. É ele próprio quem confessa: "*Tornei-me um carolla da aguarella*".<sup>7</sup>

A sua actividade artística desenvolveu-se entre duas vertentes: a criação da aguarela artística e a execução de obras que se destinavam à ilustração. Nas suas ocupações profissionais inclui-se, além disso, a prática docente, aproximadamente a partir de 1894. Nessa altura foi destacado para a Escola do Príncipe Real, ao Rato, onde permaneceu alguns anos, mas resignou do cargo, por incompatibilidade com o seu trabalho como pintor.

A sua participação em certames de arte foi intensa. Iniciou-se em 1884, ainda bastante jovem, mesmo durante o seu estágio na Alemanha, na 13.<sup>a</sup> exposição da Sociedade Promotora de Belas-Artes, com cinco quadros pintados a aguarela; desde então, raramente deixou de marcar a sua presença em diversos salões. Temos conhecimento de que, ainda em 1933, apresentou vários trabalhos, na cidade do Porto, conjuntamente com Raquel e Helena Roque Gameiro. Concorreu a um elevado número de exposições do Grémio Artístico, entre 1891 e 1898; nos anos subseqüentes a 1901, muitas das suas mais famosas aguarelas foram, pela primeira vez, expostas ao público, em muitas das exibições plásticas realizadas pela Sociedade Nacional de Belas-Artes. Quando inaugurou o atelier na rua de D. Pedro V, em Lisboa, promoveu, com as filhas, várias mostras de aguarelas. A nível internacional, são de referir as exposições em que participou em Paris, no ano de 1900, no Rio de Janeiro com a filha Helena, em 1920, e em Madrid, integrado numa colectiva de aguarelistas, no ano de 1923.

Poder-se-á afirmar que este homem foi infatigável na actividade artística que desenvolveu ao longo da sua existência.

<sup>7</sup> *Diário Ilustrado*, 27 de Março de 1895.

## A OBRA

### Concepção e Temática

Na concepção e criação da obra de arte, apercebemo-nos de que a pintura de Roque Gameiro se pode analisar sob uma perspectiva dicotómica: por um lado ela traduz a objectividade do observador atento ao espaço visualizado do qual reproduz, com fidelidade, o mais ínfimo pormenor; todavia, o artista projectou-se esteticamente na obra que elaborou, pelo modo como apreendeu e interpretou o motivo seleccionado, ao nível do desenho, da perspectiva e do tratamento cromático; ele não se limitou a ser um mero executante, mas gerou e transmitiu, nos seus quadros, a noção de atmosferas muito particulares.

Apreciando as paisagens de amplos horizontes, o pintor deambulava em busca de panoramas campestres ou de aspectos do litoral. As nossas aldeias e os seus costumes tradicionais, assim como típicas cenas do quotidiano citadino constituíram, para ele, inesgotável fonte de inspiração. Instalando-se perante o referente seleccionado através da magia da cor, procedia à criação plástica.

Linearmente, podemos considerar que a temática preferencial do artista se circunscreve a estes quatro itens: o campo, o mar, a cidade e a figura humana. Porém tão sucintas palavras não poderão englobar a multiplicidade de variantes que ele encontrou para se expressar. A sua vida foi um constante encontro com o que era simples, verdadeiro e belo, e, por essa circunstância, cada motivo sobre o qual se debruçou traduz não só as aptidões do pintor, mas também a sua concepção pessoal da representação pictórica. A visualização do seu legado artístico expressará, melhor do que o discurso mais eloquente, o inextinguível valor do artista e o domínio da técnica da aguarela, da qual soube explorar as mais sugestivas potencialidades.

## A Perspectivação do Espaço

### O Espaço citadino

#### Lisboa

No âmbito das investigações de carácter etnográfico a que o pintor consagrou muito do seu tempo, incluem-se os estudos sobre Lisboa. Porém, em relação à capital, ele alargou o seu campo de pesquisa, e muitas das suas investigações objectivam-se, por assim dizer, em função de uma vertente topográfica. Interessou-se, significativamente, pela arquitectura da cidade, procurando obter informações sobre antigas edificações, algumas já demolidas na época. Este trabalho exaustivo de recolha de elementos, que foi sendo efectivado ao longo dos anos, concretizou-se num elevado número de desenhos e de aguarelas, que foram publicados no álbum "*Lisboa Velha*", no ano de 1925. Na nota de abertura, através das palavras que o pintor profere, sente-se a nostalgia provocada pelas transformações a que Lisboa foi sendo submetida, ao longo dos anos, devido a imposições de critérios de urbanização, por vezes bem contestáveis. Podemos ler na nota explicativa que antecede o livro: "*Conheci mui particularmente as ruas de S. Paulo e de Boa Vista (...). Sob o ponto de vista pitoresco, julgo terem sido estas ruas as mais características, e de mais surpreendente efeito perspético, o qual lhes vinha do seu arco e da sua fila de prédios desegualmente altos, e em cujas fachadas haviam enxertado remates de variadíssimas e graciosas curvas - evolução lógica da frontaria típica dos séculos anteriores.*

*Breve porem, estas ruas, e as do resto da cidade, passaram infelizmente pelas maiores e mais desconchavadas transformações e, mais por perversão do gosto do que por necessidades de facto, foram as construções pombalinas e os seus lindos pormenores, sendo substituídos pelas correntezas de banalíssimos casarões (...) cheios de reles exotismo (...). Vêm estas linhas para justificar e assignalar o desgosto profundo que desde sempre venho sentindo ao ver destruir-se todo o pitoresco de Lisboa (...). Essa sincera mágoa e uma natural e saudosa atracção pelas coisas do passado, levaram-me, desde há trinta anos, a pintar em aguarelas, a desenhar e a documentar graficamente conforme pude e soube, todos os pormenores que pouco a pouco iam desaparecendo da fisionomia da cidade, tarefa onde pus o melhor dos meus esforços e o carinho muito verdadeiro que consagro às coisas da minha terra " .<sup>8</sup>*

<sup>8</sup> GAMEIRO, Alfredo Roque, *Lisboa Velha*, ilustrações de Roque Gameiro, prefácio de Afonso Lopes Vieira, "Explicação", edição do autor, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, MCMXXV.

Os motivos seleccionados traduzem uma multiplicidade temática, embora o pintor tenha fixado, sobretudo, pela imagem colorida ou monocromática, aqueles aspectos que considerava típicos de uma certa forma de vida e que, de algum modo, constituem a verdadeira essência da alma lisboeta. Toda a produção de aguarelas e de desenhos constitui uma revivescência de antigos costumes, de tipos humanos que circulavam pela capital. Antigas ruas, praças, velhas habitações, igrejas e algumas construções monumentais figuram igualmente nesses registos iconográficos.

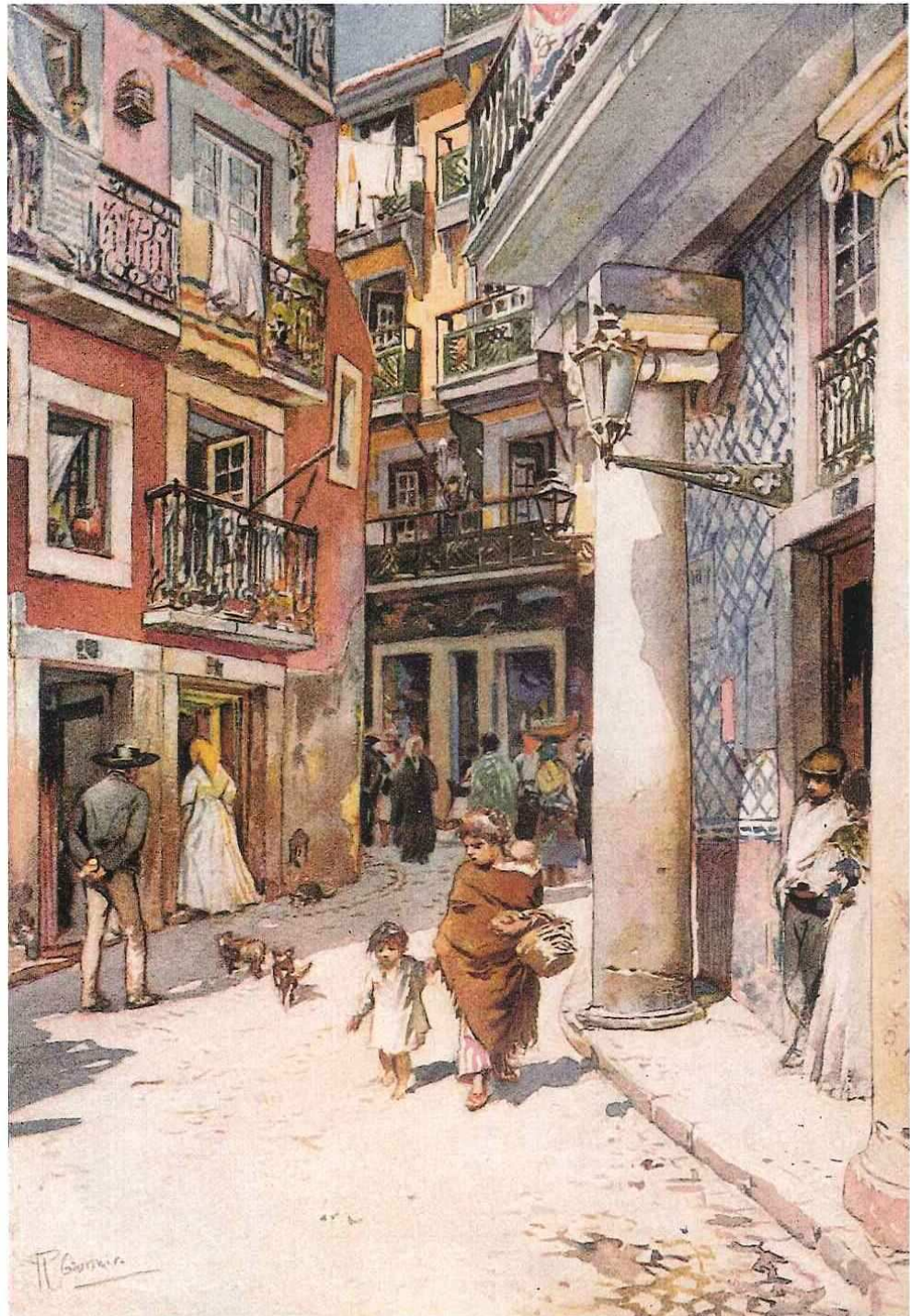
A sua inspiração encontra frequentemente incentivo na observação de certos locais da cidade, a que a pátina do tempo concedeu um particular atractivo, ainda que neles tenha deixado marcas bem visíveis dessa vetustez. Roque Gameiro embrenha-se por ruas estreitas, por velhos becos e vielas tortuosas, dando vida às figuras dos seus habitantes, que nos surgem filtrados pela visão estética do artista, graças a uma perfeita execução plástica. Essas personagens surgem integradas no seu contexto vivencial, reflectindo os comportamentos habituais do seu quotidiano; muitas delas patenteiam um acentuado dinamismo nos gestos esboçados e revelam, implicitamente, determinados intuitos nas atitudes e nas expressões fisionómicas e corporais. É, na verdade, um retrato colectivo do viver de certas zonas da capital, de gente simples que circula pelas ruas, que aí vive, ou que para lá se desloca, oriunda dos arredores saloios. São os aguadeiros, as leiteiras, as lavadeiras e outros vendedores, alguns acompanhados por burros carregados de legumes e frutas.

Se atentarmos na sequência das imagens, verificamos que não foi propósito do pintor estabelecer um itinerário prévio que o levasse, ordenadamente, ao encontro da cidade. A essência de cada desenho e de cada aguarela aparenta ter tido origem em contextos situacionais que se depararam ao seu olhar, ao acaso de um vaguar, sem qualquer outro propósito além do de observar a realidade circundante e captar as imagens que potencializariam o despertar do seu ímpeto criador. Daí que, ao folhearmos este álbum, que constitui um verdadeiro legado artístico, cultural e histórico, sintamos uma espécie de apelo para que sigamos esses mesmos percursos, penetrando, virtualmente, nessa Lisboa diferente e já desaparecida. Poderemos, então, participar da visão que o artista captou, numa viagem no espaço e no tempo.



Alfredo Roque Gameiro

*Rua do Benfornoso*  
Est. 21  
Lisboa Velha, 1925



Alfredo Roque Gameiro

*Rua de São Pedro ao largo do Chafariz de Dentro*

Est. 1

Lisboa Velha, 1925





Alfredo Roque Gameiro

*Beco dos Cortumes*  
Est. 81  
Lisboa Velha, 1925



Alfredo Roque Gameiro

*Rua do Arco do Marquês de Alegrete*

Est. 32

Lisboa Velha, 1925

### *Mosteiro dos Jerónimos*

Apesar de grande parte da produção de aguarelas sobre a cidade de Lisboa ter sido incluída no álbum *Lisboa Velha*, existe ainda um elevado número de composições espalhadas por Museus e colecções particulares.

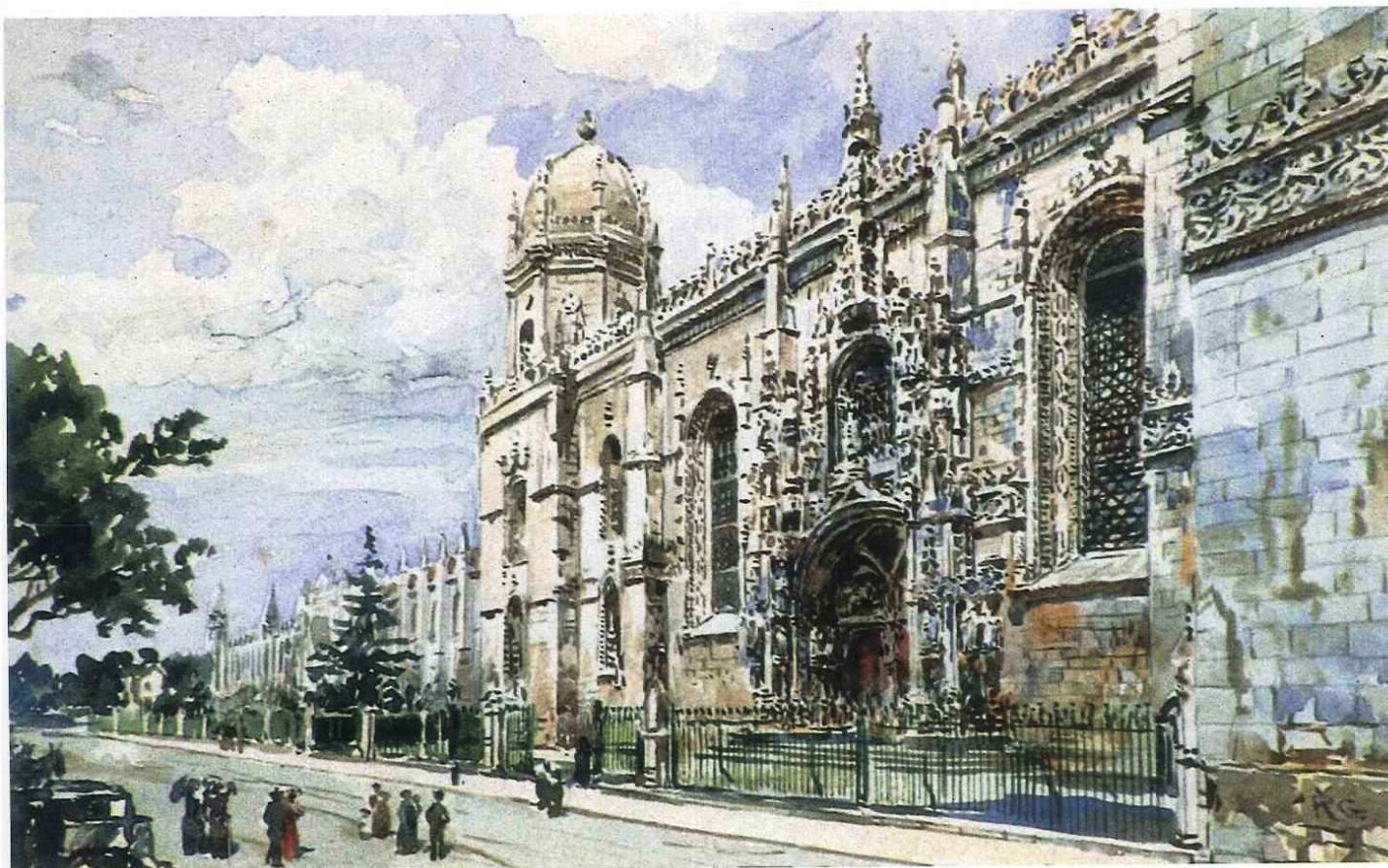
Nesta imagem, que representa a fachada sul do Mosteiro dos Jerónimos e parte da rua que lhe fica adjacente, focalizadas em acentuada perspectiva, o pintor deu particular relevo ao magnífico portal manuelino. Esculpiu o rendilhado da pedra, alternando a mancha cromática, de tonalidade sépia, com a reserva da superfície, em branco, do papel, explicitando, por este procedimento, a textura da pedra do monumento e a sua complexidade escultórica. Definiu volumes que permitiram acentuar o relevo das estátuas e de outros ornamentos e, por contraste, salientou reentrâncias de sombra. Poder-se-á concluir que ele desenhou, pintando; procedeu, assim, a uma representação perfeita e harmoniosa da construção quinhentista.

Nos altos janelões de arco redondo que ladeiam o portal, foram aplicadas leves aguadas de azul e vermelho, simulando os vitrais da igreja. Sob o tímpano, anotado num tom mais escurecido, estrutura-se a profundidade do arco abatido; distinguem-se as portas geminadas, de vermelho sombrio, intensificado igualmente por aplicação de uma mancha de castanho. A alta cúpula corta a superfície do céu de um azul diluído, assim como as flechas dos coruchéus que rematam os pináculos. Em toda a fachada predomina um branco levemente amarelado, a que se misturam, em algumas zonas, diluídas aguadas de coloração azul e castanho, traduzindo a textura da pedra envelhecida.

Aparentemente, o momento seleccionado para a representação visual desta aguarela coincidiu com uma cerimónia religiosa. Algumas pessoas, em indefinida anotação, aglomeraram-se junto da porta, enquanto outras, ainda na rua, para lá se dirigem. Introduce-se uma sugestão dinâmica devido a esta movimentação humana.

Este quadro revela-se de interesse documental, na medida em que nos elucida sobre as características do espaço em que o Mosteiro está inserido, na época em que Roque Gameiro viveu. O aspecto deste local da cidade foi completamente modificado; não restou qualquer vestígio do gradeamento que protegia o monumento, assim como da vegetação circundante.

Esta aguarela foi incluída na obra *Quadros da História de Portugal*, da autoria de Chagas Franco e João Soares, em 1917, capítulo XVIII, *Depois da Viagem do Gama*, página 53.



---

Alfredo Roque Gameiro

*Mosteiro dos Jerónimos*

Colecção particular

Aguarela sobre papel

Assinada, s/data

## O Mundo Rural

O aguarelista procedeu a uma atenta observação do mundo rural, que captou, iconograficamente, em múltiplas variantes. Do seu pincel saiu um infindável registo de paisagens campestres, de ruas de antigas aldeias, de rios de margens densamente arborizadas, de camponeses entregues às suas tradicionais ocupações; estabeleceu, ainda, vários apontamentos de situações de convívio colectivo ou de momentos de relacionamento entre pessoas.

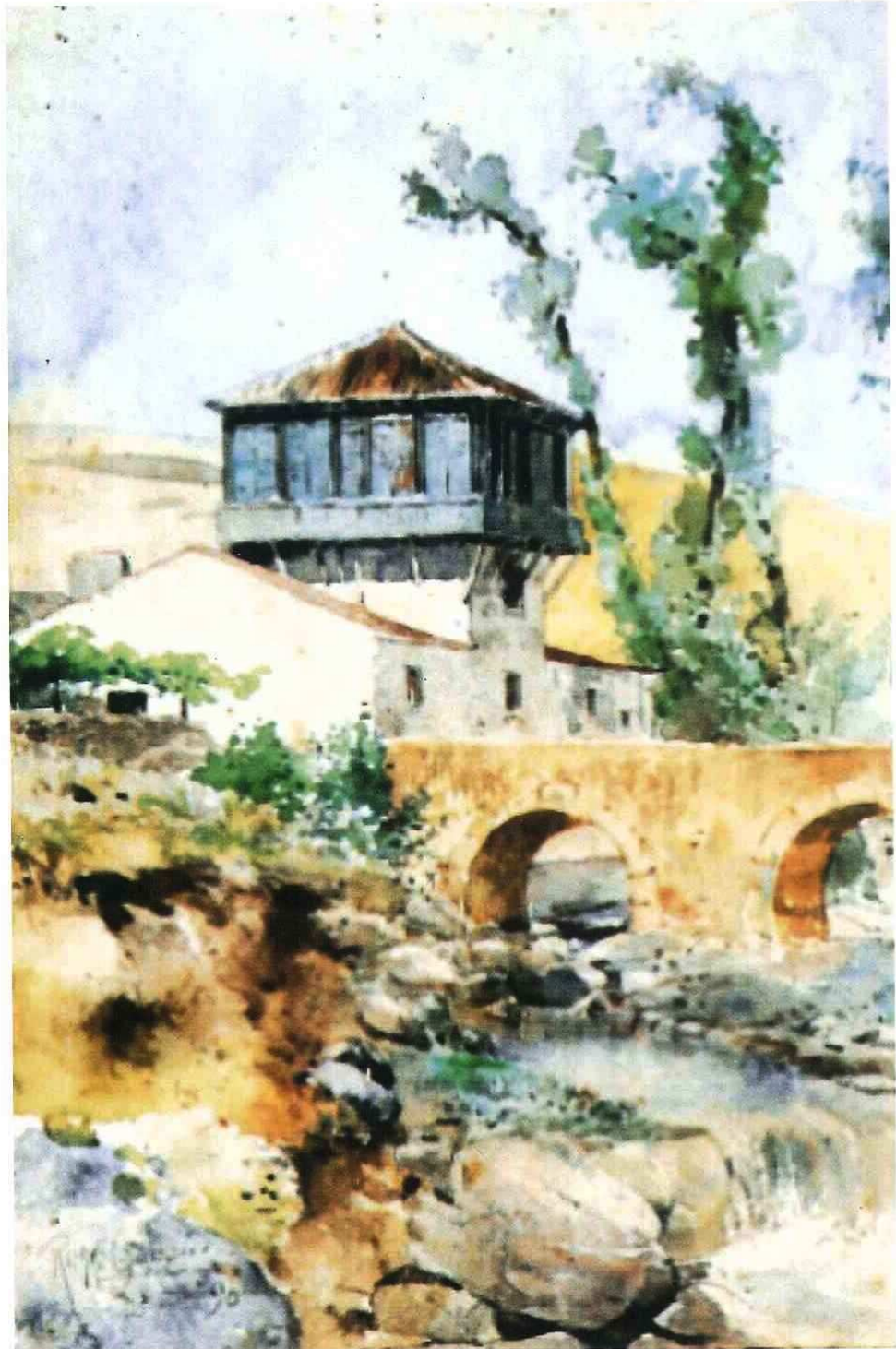
Em virtude desta multiplicidade de aspectos que Roque Gameiro observou e reproduziu, as suas aguarelas que focalizam a temática rural tornaram-se um inestimável testemunho da vida rústica portuguesa de finais do século XIX e de inícios do século XX, assim como um comprovativo do que era o aspecto das nossas aldeias. Daí que, ao contemplarmos essas imagens, não possamos, somente, ter presentes critérios fundamentados em valores estéticos ou pitorescos, mas também a noção do interesse documental que elas encerram.

Apesar de ter passado quase toda a sua vida na capital, o pintor conservou, das suas raízes aldeãs, o gosto pela simplicidade e pela tranquilidade, próprias da paisagem campestre; talvez por isso, aflore, esporadicamente, nos quadros subordinados a essa temática, uma certa nostalgia mesclada de saudade.

### *Fábrica de Cola em Campolide*

Na época em que o artista viveu, Campolide era um subúrbio com características de ruralidade. Basta ver o isolamento desta Fábrica de cola, sem ter por perto vestígios de habitações urbanas. Obra da juventude, esta aguarela apresenta já algumas das características que tornaram inimitável o estilo do pintor, constatáveis num desenho de perfeito equilíbrio de concepção e de formas e na delicadeza e na transparência tonais.

Como aliás acontece com muitas das obras dos nossos aguarelistas que nasceram no início da segunda metade de Oitocentos, esta imagem tornou-se um importante documento para o conhecimento da topografia de Lisboa em finais do século XIX.



Alfredo Roque Gameiro

*Fábrica da Cola em Campolide*

Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, datada, 1890

## Os Povoados

### *Casas em São Pedro do Sul*

A região da Beira Alta conservou durante muito tempo um tipo de arquitectura com características específicas da região, e da qual ainda se mantêm, actualmente, vestígios em algumas localidades mais preservadas, pelo seu isolamento geográfico.

A representação da casa de traça rústica surge com frequência nas aguarelas subordinadas a essa temática. Evidencia-se ali o prazer que o pintor encontrou na observação do que se revela genuíno e tipicamente nacional. A imagem descreve um ambiente rural, explicitamente denotado pelas características das duas habitações posicionadas em ângulo; estas servem de enquadramento à figura da camponesa que se movimenta em direcção ao observador e que, pela sua indumentária, se integra neste contexto.

As casas edificadas sobre estruturas rochosas de morfologia maciça sugerem, pelo seu aspecto um pouco envelhecido, um despojamento que é sinónimo de uma vida marcada por uma acentuada austeridade. Contudo, esta sensação de rudeza encontra uma espécie de compensação na ridente luminosidade que se reflecte na fachada da casa que nos fica frente e pelos vasos de flores no suporte junto à janela. Através da estreita abertura rectangular que se observa ao fundo da passagem, a incidência de claridade torna-nos perceptível um outro espaço habitacional.

No suporte dos emadeiramentos sob a habitação, o artista utilizou aguadas de azul e de castanho, e, graças à transparência das tintas, as cores sobrepõem-se sem se misturar e ambas as tonalidades ficam perceptíveis.



Alfredo Roque Gameiro

*Casas em São Pedro do Sul*

Colecção particular

Aguarela sobre papel

Assinada, s/data



### *Óbidos – A Porta da Vila*

Fazem parte do espólio de Roque Gameiro algumas aguarelas representando a Vila de Óbidos, pois o pintor deixou-se, frequentemente, prender pelo encanto que a povoação exerce sobre todo o visitante que aí se desloque. A terra preserva com carinho o seu aspecto de vila medieval e, ao longo dos tempos, vários artistas a representaram iconograficamente.

A chamada *Porta da Vila* foi, nesta imagem, objecto de pormenorizada atenção. O ângulo de focalização incide sobre a capela-oratório consagrada a N<sup>a</sup>. Senhora da Piedade; destaca-se, igualmente, a parte lateral e o arco subjacente que se abre sobre a povoação. É visível a intenção de dar maior destaque ao janelão de vidros quadrangulares, enriquecido por uma estrutura arquitectónica rematada por um frontão triangular. Ainda que não se encontre bem distinta ao olhar do observador, podemos, todavia, aperceber-nos de que o pintor simulou a efígie da Virgem, aplicando leves tonalidades de azul claro, que estabelecem contraste com a cor escura dos vitrais. O elegante varandim barroco, apoiado sobre duas mísulas, confere uma sensação de volume, pela projecção que lhe foi dada.

Os quadros do pintor tornam-se expressivos pelo pormenor descritivo que valoriza a composição. Neste caso, podemos, inclusivamente, atentar nos motivos dos azulejos setecentistas, que ornamentam as paredes, representando cenas da Paixão de Cristo. Em toda a composição estão patentes marcas que atestam a vetustez do espaço: foi expressivamente sugerida a textura das paredes acusando o desgaste imposto pela passagem do tempo e a rusticidade do pavimento irregular.

As cores harmonizam-se numa escala cromática restrita de azuis e ocres amarelados, bem como de algumas tonalidades acastanhadas, aquecidas em certos pontos, por intermédio de outras misturas tonais. Pela aplicação de um azul sombreado, tem-se a percepção de que a zona abobadada se eleva no espaço, gerando a ilusão de um certo distanciamento; estabelece-se, deste modo, contraste com a zona de luminosidade.

As duas figuras que se cruzam, além de introduzirem uma nota de dinamismo neste espaço, levam a que o olhar, depois de se fixar nelas volte, de novo, à grande janela que esconde a venerada imagem religiosa, fazendo, em seguida, uma nova leitura de todo o quadro.



Alfredo Roque Gameiro

*Óbidos – A Porta da Vila*  
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data

### *Habitações rurais*

Nas composições sobre temática rural, o pintor atribuiu especial atenção à paisagem dos nossos campos, às figuras rústicas, atentando reiteradamente no tipo de habitação característico da região observada.

Compreende-se, por isso, a sedução que nele exerceu este recanto de aldeia que se reveste de subtil atractivo. Nele podem consubstanciar-se dois tipos de leitura: a simples reprodução de um belo exemplar de arquitectura nortenha e de uma casa quase em ruínas, entre as quais se estabelece uma clara oposição tonal; mas, podemos ainda olhar para além do aspecto material das coisas e vermos nesse espaço, a projecção metafórica de dois aspectos ligados à existência e que, por vezes, despertam a indefinível melancolia associada à ideia da deterioração física, pelas conotações que implica.

A habitação, de traça tipicamente portuguesa, elemento condicionante da leitura do quadro, estabelece flagrante contraste com o casebre que lhe fica fronteiro, zebreado de manchas provocadas pelos anos e pelas intempéries. E, ainda que aquela apresente marcas visíveis de envelhecimento que diluíram a pintura, transformando o primitivo vermelho vibrante numa tonalidade rosada, nela não se verificam vestígios de decadência. Pelo contrário, o belo painel de azulejos com a imagem da Crucificação, além de elemento ornamental, torna-se um motivo simbólico, veiculando a ideia de religiosidade e de esperança de vida. De igual modo, a figura feminina que se encontra no alpendre, e que aparenta dirigir-se ao camponês, no plano inferior junto dos degraus, completa a imagem do dinamismo inerente à existência, em oposição à sensação de ruína que se desprende da casa meia decrépita. Sobre o portão armoriado eleva-se um ramo de videira, o que implicitamente vem reforçar a concepção da pujança vegetal.

O aguarelista estruturou, cromaticamente, toda a imagem em tonalidades que evidenciam a oposição entre os elementos da composição, reforçada, ainda, pelos valores que estabelecem as acentuadas diferenciações entre os planos de luz e de sombra.



Alfredo Roque Gameiro

*Habitacões rurais*  
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data

### *Castelo de Viana do Alentejo*

Roque Gameiro procedeu nesta imagem à descrição de uma vista parcial do velho Castelo de Viana do Alentejo e de uma pequena rua adjacente que se vai gradualmente estreitando. Em último plano, vislumbra-se um conjunto habitacional de irregular configuração.

A torre e os muros do castelo destacam-se pelas tonalidades intensas, mistura de ocre e de vermelho cor de tijolo. O artista representou, de modo expressivo, a alteração das cores decorrente dos estragos que a passagem dos anos imprime às construções. Verifica-se o mesmo envelhecimento nas casas, coroadas por altas chaminés, cujo branco primitivo se tornou levemente azulado.

As três figuras vêm animizar este espaço onde o ritmo de vida aparenta decorrer pausada e pacificamente.

A aguarela apresenta uma grande delicadeza cromática, de tintas suaves e pincelada fluida. Algumas manchas de verde simulam a vegetação que despontou no solo e nasceu por entre as fendas da construção apalaçada.



Alfredo Roque Gameiro

*Castelo de Viana do Alentejo*  
Colecção Casa Museu Dr. José Relvas,  
Casa dos Patudos  
Aguarela sobre papel colado em cartão  
Assinada, datada, 1922  
Inv. CP-MA 84.832

## A Paisagem Campestre

Roque Gameiro percorreu várias localidades do país em busca de recantos que lhe servissem de inspiração, e, reiteradamente, procedeu à representação de várias cenas de trabalhos quotidianos dos camponeses. A figura da mulher ocupada em tarefas do seu dia-a-dia, lavando roupa em pequenos ribeiros, só ou em grupo, surge enquadrada na paisagem, introduzindo uma notação de vida nesse espaço, quer integrada nele, quer constituindo o elemento principal da composição. As aguarelas *Em São Pedro do Sul*<sup>9</sup> e os dois exemplares intitulados *Avô*<sup>10</sup> ilustram cabalmente este aspecto.

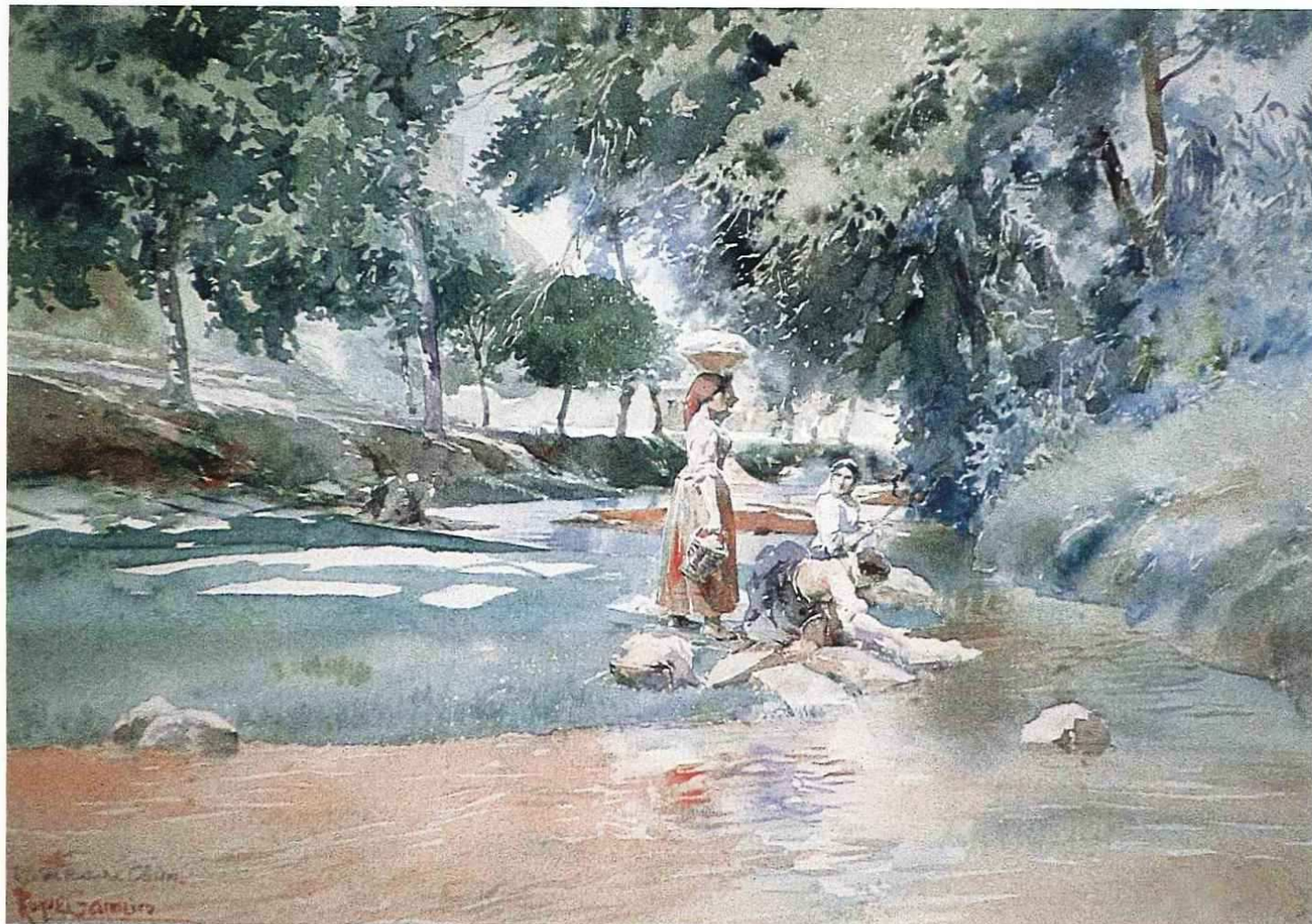
### *Rio da Rainha, Óbidos*

Na cena representada, o artista captou a imagem de um ambiente impregnado de serenidade bucólica, que ele traduziu através da configuração do espaço fechado, intimista, visualizado em perspectiva; terra e água projectam-se no ponto de fuga, numa confluência entre o ribeiro e as suas margens. Ganha particular realce o grupo das três lavadeiras, em diferentes posições. Reflecte uma atitude dinâmica a figura da lavadeira compenetrada na tarefa que executa, debruçada sobre a água, sugerindo, pelos gestos e posicionamento corporal, a energia despendida. Destaca-se não só pela postura com que foi delineada, mas também pela atraente elegância de formas, a figura da rapariga que se encontra de pé. Gera-se a sensação do fluir da água, que se alarga numa curva e corre paralela ao espaço coberto de erva, onde se destaca a mancha branca da roupa estendida a corar.

Mediante a aplicação de tonalidades de suaves transparências, isentas de contrastes flagrantes, acentua-se a serenidade desta cena típica de uma vida que decorre lentamente, sem sobressaltos.

<sup>9</sup> Museu de José Malhoa, depósito da família do pintor.

<sup>10</sup> Museu de Aguarela Roque Gameiro, em Minde e Coleção particular.



Alfredo Roque Gameiro

*Rio da Rainha, Óbidos*

Colecção particular

Aguarela sobre papel

Assinada, s/data



*Árvore e tanque com arvoredos*

A árvore densamente copada, de um verde intenso, pelo seu posicionamento, dimensão e tonalidade, torna-se o motivo central da imagem. O olhar do observador é atraído, depois, pelo reflexo de iridescências difusas, com predominância de verdes, que a água do tanque nos devolve. Só então, em seguida, atentamos nos restantes elementos da composição, essencialmente, na lavadeira, meio inclinada, atenta à tarefa que executa. À sua volta nada está claramente definido, como se o pintor pretendesse destacar esse dualismo de árvore e água espelhando cor, transparência e luminosidade.



Alfredo Roque Gameiro

*Árvore e tanque com arvoredos*  
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, datada, 1910

### *Rio Minho*

Captada numa perspectiva frontal, a imagem provoca a sensação ilusória de um estreitamento do espaço fluvial, devido aos reflexos aí projectados. A curva que o rio Minho faz nesse local e a configuração da margem direita, que termina em ponta rochosa, contribuem para aumentar esta ilusão de óptica, misturando-se o real e o virtual.

Neste cenário de água, terra e céu, confinado ao isolamento por uma aparente inacessibilidade, a claridade que escorre do firmamento espelha-se nas águas paradas, traduzindo um ambiente de quietude. A paisagem insere-se numa atmosfera de cor e de luminosidade: verdes, azuis e ocres interpenetram-se, definem formas, adquirem matizes variados e, simultaneamente, estabelecem os limites da faixa de claridade. O olhar abrange toda a panorâmica e alonga-se até à linha sinuosa do horizonte, ao encontro da mancha azulada das serranias.



Alfredo Roque Gameiro

*Rio Minho*

Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data

## A Orla Marítima

É nas vistas da orla marítima que a pintura do aguarelista se revela insuperável. Ele vai muito além da criação estética de banais marinhas. Reproduz, expressivamente, o cíclico movimento das ondas que ora engrossam, ora se espraíam calmamente sobre o areal, ou então se projectam com fúria contra os rochedos, captando os cambiantes mutáveis das águas, em gamas cromáticas que englobam uma multiplicidade de verdes e de azuis. O mar constituiu o principal motivo da sua atenção e o pintor concentra nele todo o seu génio criador. Frequentemente engloba, na mesma composição, penhascos e areais. Dir-se-ia que os agigantados rochedos, que tão frequentemente reproduziu e que adquirem, por vezes, formas bizarras, exerceram no pintor um enorme fascínio. Através de grande diversidade cromática e de oposições de sombra e de intensa luminosidade, o aguarelista define e modela essas imensas estruturas.

A sua visualização da praia, ora deserta, ora focalizada como local de vilegiatura, ou mesmo, espaço de trabalho de pescadores e varinas, constitui uma temática recorrente, na sua perspectivação da orla marítima.

### *Forte de Peniche*

Ao redor da Península de Peniche, o mar mostra-se, habitualmente, muito agitado, e os ventos que sopram com violência, provocam uma forte elevação das ondas que embatem contra as altas falésias.

Nesta composição, foi captada uma imagem que não é a mais usual naquele local, a de uma perspectiva paisagística marcada por uma serenidade perfeita; apenas uma suave ondulação aflora a base dos rochedos, de acentuada anfractuosidade, provocada pela forte erosão. Daí, poderemos concluir que os ventos agrestes que, habitualmente, sopram do norte, sofreram uma breve acalmia. O céu, de azul bastante diluído, reflecte-se na tranquila superfície do mar, de coloração idêntica. Até a pequena embarcação aparenta estar imóvel, devido à ausência de agitação das águas.

Em plano destacado, a velha fortaleza instalada sobre os penhascos, em forma de esporão rochoso, é uma presença sempre vigilante. Ao longe assinala-se a faixa de areal que se prolonga bem para sul, encimada por uma mancha assinalando o verde da vegetação que ali desponta e que prende as areias. O pintor captou, com exactidão, as formas e a diversidade cromática dos rochedos, que se reflectem no mar, em tonalidades mais acentuadas.

Este realismo descritivo é habitual em Roque Gameiro, que retrata, com fidelidade, a natureza observada.



---

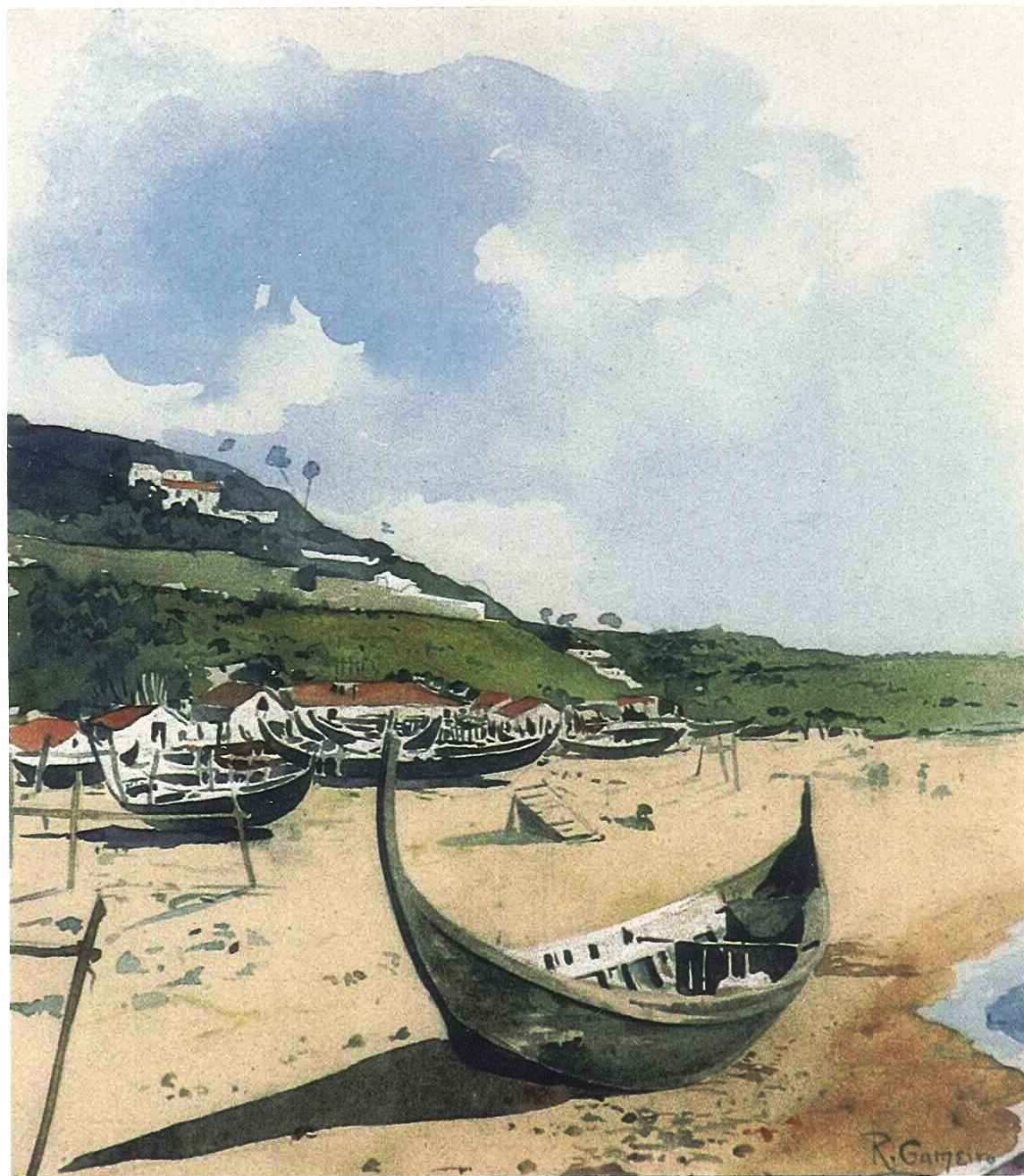
Alfredo Roque Gameiro

*Forte de Peniche*  
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data

### *Barco no Areal*

No espaço delimitado pela elevação e pelo mar, de que só avistamos breve apontamento, o areal inundado de luz serve de suporte do pequeno barco, principal referente da composição, que se alonga pela sombra projectada. Este local tornar-se-ia vazio e incharacterístico, se não fosse a existência das casas na orla da praia, provavelmente, simples habitações de pescadores; algumas pequenas vivendas disseminam-se pela serra.

O pintor criou uma atmosfera de luminosidade fria, sensação térmica sinestésicamente reforçada pelo céu meio enevoado e, sobretudo, pela utilização de um cromatismo compatível com essa ideia. Nem mesmo a areia apresenta o tom quente e luminoso, característico de determinadas épocas do ano.



Alfredo Roque Gameiro

*Barco no areal*

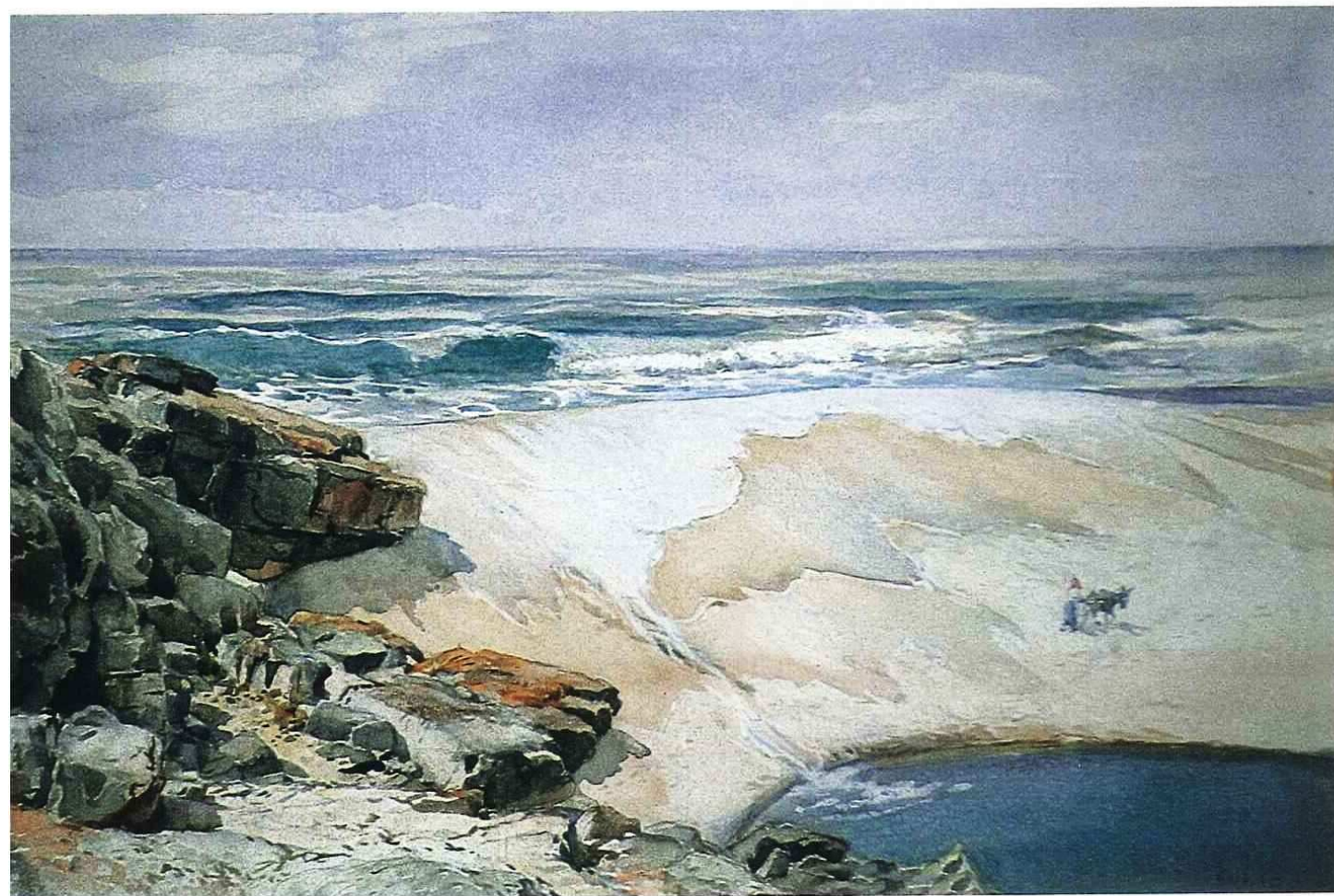
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data



### *Vista de mar, rochedos e areia*

A paisagem apresenta uma heterogénea estrutura de água, areia e rochedos, numa complexa definição de planos. O mar, no qual alternam tonalidades de azul e de verde, e que se torna translúcido quando as ondas se elevam, desfaz-se em espuma que embate na areia. Com o impacto, as águas deslizam ao longo da enorme duna em declive, até à lagoa, onde retomam os mesmos cambiantes do mar; no entanto, adquiriram agora uma tonalidade mais sombria. À esquerda, o amontoado das rochas eleva-se sobre uma plataforma sobranceira ao monte de areia, de impressionante dimensão. As diminutas proporções da camponesa e do burro estabelecem um flagrante contraste com as proporções do areal e marcam, implicitamente, o seu distanciamento em relação ao primeiro plano, efeito também conseguido pela oposição cromática entre o tom claro da areia e a gama mais escura dos rochedos. Por outro lado, as figuras da mulher e do animal introduzem uma nota de vida nesta natureza estranha.

Esta vista panorâmica apresenta uma acentuada disparidade de formas e de constituição morfológica; porém, o pintor encontrou na harmonia cromática uma forma de compensação e de equilíbrio. As cores distribuem-se numa gradação de ocre claros e de castanhos, que percorrem uma escala que vai de um tom mais escuro até uma cor de terra avermelhada, assim como de verdes e de azuis. O artista procedeu, assim, à mistura de tons quentes e frios que não se chocam, mas se harmonizam esteticamente. A estreita faixa de céu, de um azul quase uniforme, permite dar um maior realce aos outros elementos constitutivos da composição. Temos a percepção de que o sol inunda a paisagem de claridade e define os valores de luz e de sombra, acentuando as formas irregulares dos penhascos.



Alfredo Roque Gameiro

*Vista de mar, rochedos e areia*

Colecção particular

Aguarela sobre papel

Assinada, s/data

## A Figura Humana

### Retratos

Em Roque Gameiro, a representação da figura humana obedece a intenções diversas. A figura feminina surge frequentemente captada numa perspectiva individual, integrada no seu espaço social, ou, então, é incluída em grupos compósitos; o artista observa-a em tarefas do quotidiano, em contextos rurais e citadinos, ou prestando a sua ajuda na faina da pesca. Nestas circunstâncias, não existe a intenção de retratar, de modo específico, as suas feições, e ele limita-se a esboçar uma silhueta que pode apresentar um delineamento mais ou menos pormenorizado, sendo traço comum uma acentuada graciosidade e elegância, nas formas corporais. O elemento masculino é menos usual no universo imagético do aguarelista, ainda que por vezes surja, secundariamente, ilustrando o tema do quadro.

Do legado do artista faz parte um elevado número de retratos de familiares, de amigos ou de pessoas que solicitaram servir-lhe de modelo. O seu talento patenteia-se no modo como procedeu à delineação dos traços fisionómicos e das atitudes da figura retratada, não se limitando a estabelecer uma semelhança física, através de um desenho fiel. Os seus retratos reflectem muito da personalidade do seu modelo, da sua expressão e personalidade; daí que ocupem um lugar importante na sua produção artística.

Não existe propriamente uma norma específica na representação da personagem; dir-se-ia que depende da intenção do pintor de a incluir, ou não, num local determinado. Por vezes, os fundos são vazios, basicamente assinalados por manchas escurecidas de acentuada diluição, assinalando contrastes lumínicos, ou, então, surgem espaços cénicos, com um composto de mobiliário. O posicionamento da figura também não obedece a normas regulares, mas, em geral, o artista focaliza a personagem a meio corpo.



Alfredo Roque Gameiro

*Figura de mulher com cavalo*

Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data

*Figura de ceifeira*

estudo de pormenor para um quadro  
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data

Aguarela inspirada numa sequência do romance de Júlio Dinis  
*A Morgadinha dos Canaviais*

Recria-se, nesta composição, o ambiente característico da paisagem minhota, com os seus verdes suaves e cores luminosas e transparentes.

Destaca-se o grupo de personagens do primeiro plano, por tonalidades mais acentuadas, enquanto o plano do fundo recua, ilusão gerada pela diluição das aguadas. O pintor traduziu, com fidelidade, os sentimentos das figuras femininas inseridas nesta ambiência, reproduzindo, eloquentemente, a mensagem do autor do romance. Mas o que constitui a marca do estilo pessoal de Roque Gameiro é a aptidão para transmitir a sugestão de harmonia e de delicadeza como a que se desprende de toda esta imagem, a capacidade de definir sentimentos e emoções através das expressões fisionómicas e corporais, o desenho perfeito, a adequação dos trajés à época retratada, o extraordinário domínio da técnica da aguarela revelado na transparência e na suavidade cromática e nos jogos de sombra e de luz.

A seguinte descrição poderia eventualmente servir de legenda à imagem: *“Um grupo de crianças e de mulheres do povo escutavam, em pleno ar e com religiosa atenção, a leitura que uma senhora jovem e elegante lhes fazia das cartas, que para esse fim lhe davam. A senhora estava montada (...) modesta e simplesmente (...) em uma possante e bem aparelhada jumenta.*

*À roda as ouvintes encostavam-se com familiaridade às ancas e ao pescoço do imóvel quadrúpede.*

*A leitora segurava no colo a mais pequena e a mais nua das crianças do rancho.”*<sup>11</sup>

<sup>11</sup> DINIS, Júlio, *A Morgadinha dos Canaviais*



Alfredo Roque Gameiro

Aguarela inspirada numa sequência do romance  
de Júlio Dinis *A Morgadinha dos Canaviais*  
Coleção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, s/data



Alfredo Roque Gameiro

*Retrato de Raquel, em bebé*  
Colecção particular  
Aguarela sobre papel  
Assinada, datada, 1890

## A Ilustração

### A Tradição em Roque Gameiro

O artista foi um atento observador de costumes e um apaixonado pelas tradições do nosso país. Para obstar ao esquecimento que o tempo impõe, diluindo a memória do passado, ele intentou preservar, através dos meios que estavam ao seu alcance - o desenho e a pintura, - a recordação de costumes de finais do século XVIII e de inícios do XIX, procedendo a uma curiosa reconstituição epocal. Para dar consecução a esse projecto, pintou um considerável número de aguarelas, por intermédio das quais reproduziu modos de vida e velhos hábitos do Portugal setecentista e oitocentista. Essas imagens visavam despertar o interesse por uma certa realidade da existência colectiva, trazer para o presente vivências desses tempos idos. Não se tratou, porém, de um trabalho empírico; pelo contrário, ele procedeu a criteriosas investigações em bibliotecas e arquivos. E, quando os dados adquiridos lhe pareciam insuficientes, entrevistou pessoas bastante idosas cujas recordações lhe pudessem trazer um contributo valioso para a reconstituição que empreendera.

Inicialmente, por alturas de 1904, os jornais publicaram a notícia de que o artista tencionava intitular *Portugal Velho* a colectânea em que compilaria as imagens que executara, reproduzindo esses aspectos que constituíram objecto das suas demoradas pesquisas. Contudo, ainda que a imprensa contemporânea aludisse, frequentemente, ao trabalho projectado, e que incluiria cerca de quatrocentas aguarelas, não se conhecem indicações referentes ao seu aparecimento. É, pois, provável que nunca se tenha efectivado essa publicação. Mais tarde, já em 1931, surgiu, em fascículos, *Portugal de Algum Dia*, com o subtítulo *cenar e costumes de outro tempo*, com texto de Gustavo de Matos Sequeira e iconografia de Roque Gameiro, obra de orientação similar à que tinha sido anunciada no início do século. Foram somente editados os dois primeiros fascículos, desconhecendo-se as causas que impediram a continuidade da publicação, apesar de o projecto inicial incluir um âmbito alargado de itens temáticos. Tendo em conta o índice apresentado, é-nos lícito concluir que esse estudo teria tido um enorme interesse etnográfico e artístico; além disso, permitiria manter intacto o espólio das aguarelas que o pintor executou, a fim de proceder à sua ilustração e que, actualmente, se encontram dispersas por várias colecções, se por acaso não se perderam definitivamente.

O artista colaborou em obras de temática muito diversa, algumas de apreciável interesse histórico e que se tornaram excelente documento iconográfico representativo das capacidades artísticas do ilustrador, que se revelou também um investigador de costumes,

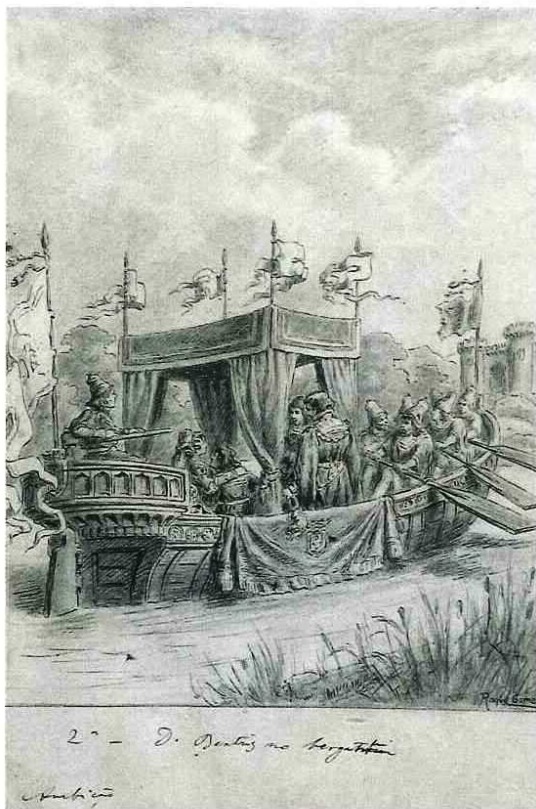
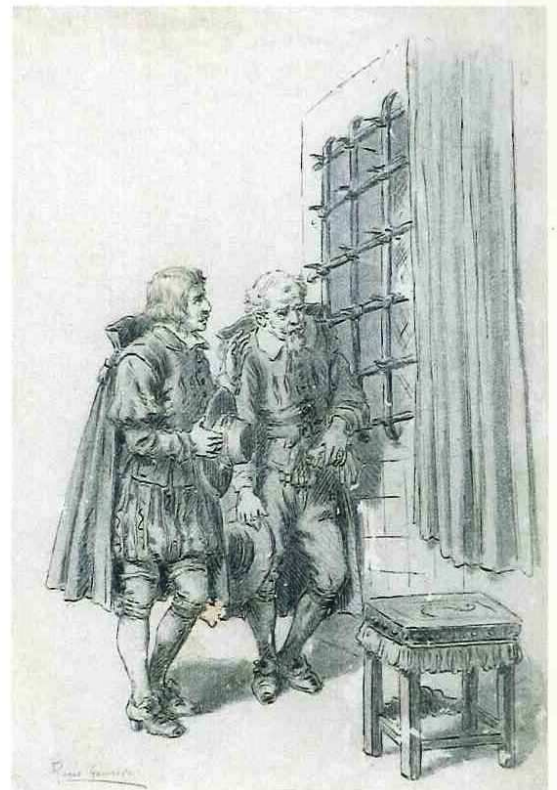


como já foi assinalado. As pesquisas a que Roque Gameiro consagrou muito do seu tempo levaram a que, por vezes, deixasse de participar em exposições, a que habitualmente concorria com vários trabalhos. Algumas das investigações que empreendeu visavam obter dados precisos sobre factos da nossa história, permitindo-lhe situar os acontecimentos nas épocas a destacar, transmitindo-lhes cor local, através de uma reconstituição de interiores, de vestuário das personagens intervenientes e, mesmo de organização das cenas, de acordo com uma lógica temporal. A sua actividade como ilustrador foi, pois, intensa e profícua. Muitas obras literárias de início do século XX foram enriquecidas com aguarelas da sua autoria, muitas vezes de parceria com outros aguarelistas contemporâneos.

Foi, na verdade, extensa a lista de obras em cuja ilustração o pintor colaborou; umas vezes, a iconografia foi da sua inteira responsabilidade; outras, trabalhando de parceria com pintores do seu tempo. Teve particular relevância a edição de luxo de *Os Lusíadas*, de 1900, na qual participou com Manuel de Macedo. *Quadros da História de Portugal*, da autoria de Chagas Franco, professor de História do Colégio Militar e de João Soares, também antigo professor, foi igualmente, um trabalho de grande interesse. Editada em 1917, essa obra obteve na época, e mesmo posteriormente, um grande sucesso, tendo sido feita uma segunda edição, em 1932. A iconografia esteve a cargo de Roque Gameiro e de Alberto de Sousa. *A História da Colonização Portuguesa do Brasil*, dirigida por Carlos Malheiro Dias, foi publicada entre 1921 e 1923. Neste caso, Roque Gameiro foi o único responsável pela parte artística.

Na ilustração de *As Pupilas do Senhor Reitor*, do escritor Júlio Dinis, o artista denota, mais uma vez, uma apurada compreensão do texto, tendo adequado as personagens, o seu vestuário, as cenas e os interiores das habitações à época em que o romance foi escrito; verifica-se, igualmente, que existia um profundo conhecimento das características do espaço onde se desenrolou a acção, traduzida na representação dos aspectos paisagísticos. Já aludimos ao valor do álbum *Lisboa Velha*, de 1925, trabalho de inestimável interesse documental sobre a cidade de Lisboa. *História das Toiradas*, da autoria de Eduardo de Noronha, é um curioso documento em que, numa perspectiva diacrónica, se procede ao relato vivo, e por vezes humorístico, de situações ligadas ao toureio; esses relatos são ilustrados, significativamente, por Roque Gameiro, Alfredo de Morais e Alberto de Sousa.

O nome de Roque Gameiro aparece, ainda, ligado à ilustração de pequenos contos e de alguns romances. O *Romance das Ilhas Encantadas*, da autoria de Jaime Cortesão, de carácter didáctico, apresenta imagens de real interesse pedagógico e artístico. *A Sereia*, de Camilo Castelo Branco, foi um romance profusamente ilustrado pelo pintor que criou imagens bastante expressivas, perfeitamente adequadas à intenção subjacente ao texto do romancista.



Alfredo Roque Gameiro

Aguarelas para ilustração,  
da obra de Camilo Castelo  
Branco *A Sereia*

Aguarelas para ilustração,  
obra desconhecida

*Esmola para uma promessa*

O desenho revela uma grande expressividade de traço, essencialmente, no delinear das fisionomias e dos gestos das figuras, evocando a intenção subjacente ao título da composição. O tratamento cromático do vestuário das duas imagens femininas e do frade, além de simular a textura dos tecidos, cria o relevo das pregas, habilmente sugeridas por valores tonais de claro-escuro. A construção arquitectónica do plano de fundo serve de enquadramento ao motivo central.



Alfredo Roque Gameiro

*Esmola para uma promessa*

Colecção Dr. Telo de Moraes,  
Museu Municipal de Coimbra, Edifício Chiado

Aguarela sobre cartão

Não assinada, s/data